

Carta sobre Escrita – 5

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

“Diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és”, diz um ditado popular português. Se lhe dermos uma volta, voltando-o do avesso, ele dá-nos indicações importantes: se és escritor, digo-te com quem andas.

Recomeçamos, mas um pouco atrás: quem são os prováveis companheiros ou camaradas de um futebolista? Provavelmente outros futebolistas e gente da área do desporto, sem esquecer os comerciantes de artigos desportivos. Porquê? Porque viver com outros é partilhar o que sentimos, pensamos e fazemos. E, por outro lado, o que os outros sentem, pensam e fazem tem uma forte influência sobre como construímos a nossa vida.

Também um jovem que quer ser escritor deve cuidar de andar em “boas” companhias. Outros escritores, pessoas que gostam de livros, talvez alguém ligado ao meio editorial. Para isso, uma das boas formas é participar em sessões de apresentação ou discussão de livros e ideias. Aliás, participar em atividades culturais é aproximar-se pessoas ligadas à organização de eventos e esses contactos podem ser úteis de muitos modos.

A arte da escrita não se fecha sobre si mesma. Pelo contrário, conviver com artistas de outras formas de expressão – pintores, atores, cineastas... – é partilhar ideias, pontos de vista, talvez mesmo iniciativas. E há que não esquecer a companhia de pessoas com poder de crítica sobre a arte da escrita e mesmo outras artes e formas de pensamento. O convívio com estas pessoas pode ser feito, é claro, tanto de modo presencial como online. Antigamente, os cafés eram lugares de encontro de escritores e outros criadores de arte. A Brasileira, Café Gelo, Montecarlo, por exemplo, são três cafés que ficam na História da Literatura Portuguesa como locais onde fermentaram ideias, movimentos, projetos. Hoje, os cafés já não são locais de encontro, menos ainda de encontro de artistas. Onde podemos encontrar e criar cumplicidades com outros criadores artísticos? Nos eventos culturais, sem dúvida, em projetos e iniciativas, em lugares literários e artísticos como livrarias e bibliotecas ou galerias de arte, em lugares significativos online...

A arte da escrita não se faz apenas de escrita, no vazio, mas também daquilo sobre que se escreve. Daí a importância, mais uma vez, de frequentar lugares de criatividade cultural. Ao vivo, mas também em revistas, em livros e outras mil formas de presença de criadores. Graça Morais, uma grande pintora portuguesa, à pergunta “Como é o seu processo de pintura?”, respondia no *Expresso* (4.3.2022): “Para mim, a melhor maneira de começar a pintar, é ler sobre bons artistas”. Podemos também voltar esta afirmação do avesso para um escritor: ver um bom quadro, assistir a uma boa peça de teatro, ver um bom filme, ler uma boa reportagem numa revista... pode ser uma ótima maneira de desencadear um momento de escrita, talvez mesmo um livro. Uma sugestão que me atrevo a dar: ler boas entrevistas a grandes criadores,

pois aprende-se sempre a ouvir os grandes. E uma boa entrevista é aquela que põe alguém a falar para nós.

Há uns anos, ajudei a montar uma escola de artes plásticas. Entre as muitas coisas que foi necessário definir estive o que se pedia aos alunos de pintura. O professor foi claro: cada aluno tem de ter e trazer o seu material de pintura – isso também faz dele um pintor. Deve dizer-se o mesmo de um escritor. E o material de um escritor é, pelo menos, um bloco de apontamentos e um lápis ou caneta, pois uma palavra que se procura ou uma nova ideia surge em qualquer momento e, se não for registada, pode ir-se no vento da agitação dos dias. Além disso, um pequeno livro ou uma revista que valha a pena podem ser um complemento para aproveitar um tempo de espera ou até como desbloqueador de conversa com quem valha a pena falar. E com quem é que não vale a pena falar? Desde que saibamos ouvir...

Não, não se trata de se armar em escritor, de parecer intelectual. Isso seria tolice. Quem precisa de parecer é porque não é. Não, não se trata de esse tipo de pessoas serem mais inteligentes ou melhores que as outras. O que está em causa é apenas uma, só uma, das dimensões do trabalho de quem se dedica à criação literária: regar a horta onde se cultivam as letras.

Um escritor precisa de cultivar a escrita e também de cultivar as relações de que se alimenta a escrita. Repeti a palavra “cultivar”, que nos dá uma dimensão agrícola à escrita: semear, deixar germinar, regar e alimentar, deixar crescer... só depois é que há boa colheita.

Abril de 2022

José Alves Jana